



O EDITORIAL

O editorial é um texto: dissertativo, pois desenvolve argumentos baseados em uma ideia central; crítico, já que expõe um ponto de vista; informativo, porque relata um acontecimento.

As CARACTERÍSTICAS do EDITORIAL são:

- Tipo de texto utilizado na imprensa, especialmente em jornais e revistas, que tem por objetivo informar, mas sem obrigação de ser neutro, indiferente.
- A objetividade e imparcialidade não são características dessa tipologia textual, uma vez que o redator dispõe da opinião do jornal sobre o assunto narrado.
- os acontecimentos são relatados sob a subjetividade do repórter, de modo que evidencie a posição da mídia, ou seja, do grupo que está por trás do canal de comunicação, uma vez que os editoriais não são assinados por ninguém.
- É um texto mais opinativo do que informativo.
- Utiliza linguagem objetiva (3ª pessoa) ou subjetiva (1ª pessoa).

DIFERENÇAS ENTRE O EDITORIAL E O ARTIGO DE OPINIÃO

A diferença entre o editorial e o artigo de opinião é que neste o texto é assinado e representa a opinião do seu autor e naquele, o texto não é assinado e reflete a opinião do jornal.

PROCEDIMENTOS ARGUMENTATIVOS DE UM EDITORIAL:

- **Relações de causa e consequência.**
- **Comparações entre épocas e lugares.**
- **Retrocesso por meio da narração de um fato.**
- **Estabelecimento de interlocução com o leitor.**
- **Produção de afirmações radicais, de efeito.**

EXEMPLO DE EDITORIAL:

O mundo róseo visto pelas lentes do PAC

- O governo usa técnicas da ‘contabilidade criativa’ ao incluir no programa de inversões os financiamentos imobiliários do Minha Casa Minha Vida

EDITORIAL

Publicado: 22/02/14 - 0h00

É tão antiga a carência de investimentos, em especial na infraestrutura, que o primeiro Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), criado com este objetivo, foi lançado em 2007 no início do segundo mandato do presidente Lula, com toda a pompa devida.

Infelizmente, as taxas de investimento na economia brasileira continuam anêmicas, abaixo dos 20% do PIB. E mesmo este nível é insuficiente para levar o país a crescer de forma estável numa velocidade em torno dos 4% ao ano. Para isso, a taxa de inversões precisa chegar à faixa dos 25%, algo como seis a sete pontos percentuais acima da atual. Não que o PAC fosse desnecessário. Ao contrário. A questão é que, por uma série de problemas, entre eles o da inapetência gerencial do governo em tocar projetos, com ou sem a iniciativa privada, os PACs têm sido frustrantes.

O balanço apresentado, terça-feira, do PAC 2, pela ministra do Planejamento, Miriam Belchior, é ilustrativo. Como costuma acontecer nas comunicações oficiais, os números são alvissareiros: 82,3% das obras incluídas neste segundo programa, que se encerra este ano, são consideradas concluídas. É mantida, ainda, a previsão de investimentos concluídos, no governo Dilma, de R\$ 708 bilhões.

Toda estatística precisa ser analisada com cuidado. Mais ainda de ente público — e em período eleitoral. No caso do PAC 2, por exemplo, cabe registrar que este último balanço do programa não considerou grandes obras que se arrastam: Refinaria Abreu Lima, Ferrovia Nova Transnordestina e o Arco Rodoviário Metropolitano do Rio. Somam R\$ 44 bilhões.

As apresentações de balanços do PAC têm incorporado técnicas da “contabilidade criativa”, desenvolvida no circuito entre a Secretaria do Tesouro e Ministério da Fazenda para embonecar as contas públicas, e que tanto mal causou à imagem do país junto às agências internacionais de risco e analistas em geral.

Mesmo assim, o governo insiste em somar às estatísticas do PAC os financiamentos habitacionais do Minha Casa Minha Vida.

Este conceito elástico de investimento ajuda no atingimento de metas. Por exemplo, do total já investido nos PACs, a maior parte provém do crédito imobiliário (R\$ 253,8 bilhões) e estatais (R\$ 206,7 bilhões).

Admita-se que se deva considerar os financiamento habitacionais nos PACs. Ainda assim, o programa continuará sem atender à extrema necessidade de se recuperar e ampliar a infraestrutura de transporte. Mesmo que o Minha Casa Minha Vida ultrapasse as metas, e a Petrobras consiga o mesmo, portos, rodovias e aeroportos continuarão problemáticos, a depender do andamento dos projetos de concessão, retardados devido a resistências ideológicas ao setor privado.

A avaliação dos PACs é objetiva: se as duas versões do programa tivessem obtido um efetivo sucesso, a economia não estaria rastejando com taxas pífiyas de crescimento.

© 1996 - 2014. Todos direitos reservados a Infoglobo Comunicação e Participações S.A.